

## Livros e canções politicamente corretos

### Português

Enviado por: [aquiasvalasco@seed.pr.gov.br](mailto:aquiasvalasco@seed.pr.gov.br)

Postado em: 17/12/2008

A cantiga "atirei o pau no gato" em algumas escolas passou a ser cantada como "não atirei o pau no gato", o "boi da cara preta" como "boi do Piauí". As chamadas expressões politicamente corretas invadiram o nosso cotidiano. Saiba mais...

A cantiga "atirei o pau no gato" em algumas escolas passou a ser cantada como "não atirei o pau no gato", o "boi da cara preta" como "boi do Piauí". As chamadas expressões politicamente corretas invadiram o nosso cotidiano. Uma tese de doutorado, defendida no início do mês na Faculdade de Educação da USP, analisou a presença do politicamente correto nos livros e cantigas infantis e concluiu que a presença destas expressões não contribui para uma melhora na educação das crianças. Boas maneiras e preconceitos Ilan Brenman, responsável pela pesquisa intitulada A condenação de Emília: uma reflexão sobre a produção de livros politicamente corretos destinados às crianças, é escritor de livros infantis e contador de histórias. Ele se interessou pelo tema porque é afetado no seu cotidiano profissional, por professores e leitores que reclamam de histórias com temáticas consideradas violentas ou inadequadas à infância: morte, guerra, ciúme, raiva etc. Em visitas a escolas da Grande São Paulo, Brenman notou que os livros tradicionais infantis estão sendo substituídos por publicações que chama de livros de "boas maneiras" e sobre "preconceitos". Nessas cartilhas, ele conta que as histórias giram em torno de narrativas sobre bons modos e ausência de preconceito. Métodos anacrônicos O pesquisador passou, então, a uma análise histórica de livros de boas maneiras e encontrou um livro de Erasmo de Roterdã, chamado *Civildade pueril* (do séc. XVI), que trata, em termos bem semelhantes, dos assuntos que tratam os livros de boas maneiras para crianças. Um exemplo são os modos à mesa: no livro de Erasmo ele atenta para formas inadequadas de se comportar, como assoar o nariz durante a refeição, não beber líquidos enquanto come, mastigar de boca fechada. Nos livros atuais há as mesmas orientações. Brenman, porém, observa é que há 500 anos quando foi escrito o livro de Erasmo, essa "etiqueta" não era comum na sociedade. Ele considera então que o livro teve um papel na história, mas hoje entende que não há sentido "ensinar" boas maneiras às crianças por meio de livros, nem dar uma "roupagem moderna" a uma cartilha ultrapassada. Mundo certinho demais Nas histórias de livros politicamente corretos, Brenman vê outros problemas. "Esses novos livros escondem o conflito, não têm nenhuma incorreção, e impõem uma moral de fora para dentro. Nós observamos cada vez menos bruxas, lobos-maus, menos monstros". Ele avalia que isso é ruim para a educação, pois "não adianta subestimarmos as crianças. Todas elas tem uma parte sádica, mas de alguma forma a criança se projeta na bruxa da história, e assim trabalha com seu lado agressivo". Ainda segundo o escritor, a família acabou passando seu papel na educação da criança e a escola, por sua vez, delegou seu papel aos livros. A condenação de Emília Brenman avalia que as últimas conseqüências dessa vigilância sobre os contos infantis, seria condenar personagens como a Emília, de Monteiro Lobato: "a Emília é famosa por sua rebeldia e por suas incorreções, e a graça dela está nisso". Tomando as últimas conseqüências do politicamente correto na literatura, o conto "Negrinho do pastoreio" teria que passar a se chamar 'Afrodescendentezinho do pastoreio'. "Nunca se publicou tantos livros e nunca houve tanta violência nas escolas", ressalta o pesquisador. Segundo ele, isso prova que não é possível estabelecer relação entre os dois fenômenos. Alguns

livros infantis, cantigas e os videogames se transformaram nos "bodes expiatórios" da violência nas escolas, mas ela vem de múltiplos fatores como: a desestruturação das famílias, a falta de preparo dos professores, o excesso de alunos nas salas de aulas, etc. De acordo com Ilan, os educadores que fazem essa relação dizem prezar pela "paz nos contos infantis, mas essa é a paz dos cemitérios". Fonte: <http://www.diariodasaude.com.br>